

RUBEM ALVES

A EDUCAÇÃO
DOS SENTIDOS



Planeta



Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Sumário

O infinito na palma da mão.....7



PARTE I
Educação dos sentidos

A caixa de ferramentas.....13

A caixa de brinquedos.....17

A educação dos sentidos I.....21

A arte de ver.....25

A arte de ouvir.....29

Escutar os sons do mundo.....35

A música.....39

Viajando com a música.....43

A educação dos sentidos II.....47

O tato.....51

A forma escolar da tortura.....	57
Como o seio.....	61

PARTE 2

E mais...

É brincando que se aprende	67
Aprendo porque amo	71
Se nós não sabemos, por que é que eles têm de saber?.....	75
A sombra enorme... ..	79
Inúteis e perniciosos	83
Se for por sorteio... ..	87
Seduzindo para o prazer de ler	95
É como ouvir música	99
Ler pouco.....	103
O país dos chapéus	107
Salvem-se enquanto é tempo!	111
Bosques sombrios e lanternas... ..	115
Sobre ciência e sapiência	119
Caminhos possíveis.....	123
À Dona Clotilde, modesta professora... ..	129

O infinito na palma da mão*

*Ora, quem acha que um milagre é alguma coisa especial?
Por mim, de nada sei que não sejam milagres.*

Walt Whitman



*A mim ensinou-me tudo.
Ensinou-me a olhar para as coisas.
Aponta-me todas as coisas que há nas flores.*

*Mostra-me como as pedras são engraçadas
quando a gente as tem na mão
e olha devagar para elas.*

Alberto Caeiro/Fernando Pessoa

Mundo: maravilhas.

David Piedrahita, 11 anos

De modo constelar, as epígrafes conversam com as crônicas de Rubem Alves, com a sua concepção de que é singularmente

* “Ver um mundo num grão de areia/e um céu numa flor silvestre,/ter o infinito na palma da sua mão/e a eternidade em uma hora.” O poema de William Blake foi um dos textos mais amados por Rubem Alves e está muito presente em suas crônicas.

necessária a educação dos sentidos, que nos abre à dimensão poética da vida, ao espanto e ao alumbramento com o mundo, inseparáveis da curiosidade e da alegria de viver e criar. Essa educação dos sentidos é primordial para a formação dos formadores, para despertar neles o adormecido ou interditado em sua capacidade de escuta e de diálogo, para que possam acolher e cultivar os descobrimentos, as perguntas, as iluminações que as crianças espontaneamente fazem e que, infelizmente, tantas escolas desnaturam.

Como genuíno cronista, Rubens Alves não escrevia de modo a arquitetar argumentos para demonstrar uma tese. As crônicas, líricas e filosóficas, despertam ideias, evocam sentimentos e histórias, sem dissociar o intelectual e o afetivo. Foram escritas feito música, de variações em torno do tema, a partir do cotidiano, redescoberto como um mundo a ser conhecido e reconhecido, com a sensibilidade da inteligência e a inteligência da sensibilidade.

Este livro é antológico: nele se encontram várias das suas mais clássicas crônicas, como *A caixa de ferramentas*; *A caixa de brinquedos*; *A educação dos sentidos I e II*; *A arte de ver*; *A arte de ouvir*; *Aprendo porque amo*; *Sobre ciência e sapiência*, dentre outras. Elas têm tido muitas ressonâncias entre educadores, dentro e fora das salas de aula e das escolas, inspirando práticas e teorias humanistas, que resistem à lógica utilitária e instrumental e que valorizam a subjetividade e a intersubjetividade, o afeto, a imaginação, a capacidade criadora.

Assim, ao lermos e relermos esses textos, saboreamos palavras que nos motivam a fazer a nossa própria existência como

obra de arte. Em um tempo assinalado de desencantos e dilacerações, essa é uma atividade de reverência pela vida, a ser sempre recriada, recordando com Rubem Alves que “a esperança se alimenta de pequenas coisas, de pequenas coisas ela floresce”.

Severino Antônio
Professor e escritor





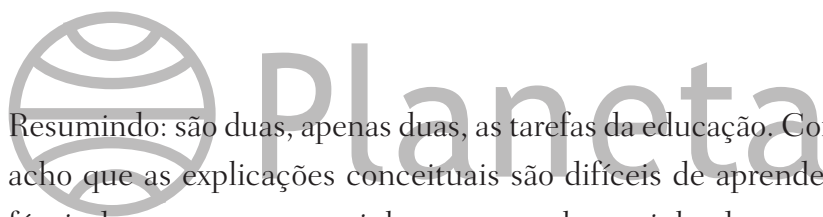
PARTE 1

Educação dos sentidos





A caixa de ferramentas



Resumindo: são duas, apenas duas, as tarefas da educação. Como acho que as explicações conceituais são difíceis de aprender e fáceis de esquecer, eu caminho sempre pelo caminho dos poetas, que é o caminho das imagens. Uma boa imagem é inesquecível. Assim, em vez de explicar o que disse, vou mostrar o que disse por meio de uma imagem.

O corpo carrega duas caixas. Na mão direita, mão da destreza e do trabalho, ele leva uma caixa de ferramentas. E na mão esquerda, mão do coração, ele leva uma caixa de brinquedos.

Ferramentas são melhorias do corpo. Os animais não precisam de ferramentas porque seus corpos já são ferramentas. Eles lhes dão tudo aquilo de que necessitam para sobreviver.

Como são desajeitados os seres humanos quando comparados com os animais! Veja, por exemplo, os macacos. Sem nenhum

treinamento especial eles tirariam medalhas de ouro na ginástica olímpica. E os saltos das pulgas e dos gafanhotos! Já prestou atenção na velocidade das formigas? Mais velozes a pé, proporcionalmente, que os bólidos de Fórmula Um! O voo dos urubus, os buracos dos tatus, as teias das aranhas, as conchas dos moluscos, a língua saltadora dos sapos, o veneno das taturanas, os dentes dos castores...

Nossa inteligência se desenvolveu para compensar nossa incompetência corporal. Inventou melhorias para o corpo: porretes, pilões, facas, flechas, redes, barcos, jegues, bicicletas, casas... Disse Marshall McLuhan corretamente que todos os “meios” são extensões do corpo. É isto que são as ferramentas: meios para se viver. Ferramentas aumentam a nossa força, nos dão poder. Sem ser dotado de força de corpo, pela inteligência o homem se transformou no mais forte de todos os animais, o mais terrível, o mais criador, o mais destruidor. O homem tem poder para transformar o mundo num paraíso ou num deserto.

A primeira tarefa de cada geração, dos pais, é passar aos filhos, como herança, a caixa de ferramentas. Para que eles não tenham de começar da estaca zero. Para que eles não precisem pensar em soluções que já existem. Muitas ferramentas são objetos: sapatos, escovas, facas, canetas, óculos, carros, computadores. Os pais apresentam tais ferramentas aos seus filhos e lhes ensinam como devem ser usadas. Com o passar do tempo, muitas ferramentas, objetos e seus usos se tornam obsoletos. Quando isso acontece, eles são retirados da caixa. São esquecidos por não terem mais uso. As meninas não têm de aprender a torrar café numa panela de ferro nem os meninos têm de aprender a usar arco e flecha

para encontrar o café da manhã. Somente os velhos ainda sabem apontar os lápis com um canivete...

Outras ferramentas são puras habilidades. Andar, falar, construir. Uma habilidade extraordinária que usamos o tempo todo, mas de que não temos consciência, é a capacidade de construir, na cabeça, as realidades virtuais chamadas mapas. Para nos entendermos na nossa casa, temos de ter mapas dos seus cômodos e mapas dos lugares onde as coisas estão guardadas. Fazemos mapas da casa. Fazemos mapas da cidade, do mundo, do universo. Sem mapas seríamos seres perdidos, sem direção.

A ciência é, ao mesmo tempo, uma enorme caixa de ferramentas e, mais importante que suas ferramentas, um saber de como se fazem as ferramentas. O uso das ferramentas científicas que já existem pode ser ensinado. Mas a arte de construir ferramentas novas, para isso há de se saber pensar. A arte de pensar é a ponte para o desconhecido. Assim, tão importante quanto a aprendizagem do uso das ferramentas existentes – coisa que se pode aprender mecanicamente – é a arte de construir ferramentas novas. Na caixa das ferramentas, ao lado das ferramentas existentes, mas num compartimento separado, está a arte de pensar. (Fico a pensar: o que é que as escolas ensinam? Elas ensinam as ferramentas existentes ou a arte de pensar, chave para as ferramentas inexistentes? O problema: os processos de avaliação sabem como testar o conhecimento das ferramentas. Mas que procedimentos adotar para se avaliar a arte de pensar?)

Assim, diante da caixa de ferramentas, o professor tem de se perguntar: “Isso que estou ensinando é ferramenta para quê? De que forma pode ser usado? Em que aumenta a competência

dos meus alunos para viver a sua vida?”. Se não houver resposta, pode-se estar certo de uma coisa: ferramenta não é.

Mas há uma outra caixa, na mão esquerda, a mão do coração. Essa caixa está cheia de coisas que não servem para nada. Inúteis. Lá estão um livro de poemas da Cecília Meireles, a “Valsinha” do Chico, um cheiro de jasmim, um quadro do Monet, um vento no rosto, uma sonata de Mozart, o riso de uma criança, um saco de bolas de gude... Coisas inúteis. E, no entanto, elas nos fazem sorrir. E não é para isso que se educa? Para que nossos filhos saibam sorrir?

